

Transcrição da Escola de Comunidade com Julián Carrón Milão, 16 de março de 2016

Texto de referência: L. Giussani, Os três fatores constitutivos. In: L. Giussani. *Por que a Igreja: terceiro volume do PerCurso*, Ed. Companhia Ilimitada, São Paulo, 2015, pp. 141-153.

- *My Lord, what a morning!*
- *Lascia che il mondo*

Glória

Carrón: Começamos enfrentando o segundo fator da consciência que os primeiros cristãos tinham da Igreja: “A comunidade investida por uma ‘Força do alto’”. Vimos como eles tinham “a firme persuasão de que a realidade do Cristo vivo prendia a vida deles redimindo-a, assumindo-a na própria vida e tornando-a o mistério de uma companhia unitária” (p. 141). Cada um deveria julgar-se com estas palavras: fazendo o percurso da Escola de Comunidade a partir do primeiro ponto cresceu a persuasão, tornou-se ainda mais potente a persuasão de que Cristo prende a nossa vida redimindo-a? Quais os sinais que temos disso, e até que ponto aquele fator comunitário desperta um modo novo de dizer eu? No que o reconhecemos? Vivendo dentro de um lugar assim – uma realidade comunitária sociologicamente identificável –, entra-se no segundo grande fator: “A comunidade investida por uma ‘Força do alto’”. Dom Giussani fala de uma “dimensão excepcional na consciência vivida por aqueles primeiros cristãos” (p. 142). Não se contenta simplesmente com descrever os fatos, mas insiste sobre a “firme persuasão” e sobre a “consciência vivida”, tanto é verdade que o primeiro elemento é a “consciência de um fato que tem o poder de mudar a personalidade” (p. 143). Então, como cresceu esta consciência?

Colocação: *Há um tempo me parece estar entendendo que você está insistindo muito sobre a verificação da fé com experiência pessoal à qual cada um de nós é chamado, e sempre concordei com esta sua insistência, mas nunca em ação. Sempre pensei que fosse um problema dos outros e não meu, porque eu, no fundo, estava com a autoridade, pensava como pensava a autoridade e buscava seguir a autoridade. Em suma, eu o escutava, o seguia, ou pensava assim, e, de algum modo, levava para casa o resultado. E quando, na última Escola de Comunidade, você nos perguntava o que nos mantém juntos, o que, realmente, nos colocou juntos, o que somos e o que vivemos, eu tinha a resposta. Eu, até mesmo, estava de acordo com você sobre as questões ligadas ao Family Day. Sobre tudo. Porém, aqui está a questão. Eu não entendia uma coisa: eu estava cheio de palavras e de razões, mas me parecia estar formal na experiência. Depois, aconteceu um fato no trabalho que me mudou. Houve uma série de dificuldades, devidas a diversas razões, que me fizeram pensar que não era assim óbvio estar ainda ali. E entendi que havia em mim algo que não estava bem, porque, nesta situação, entrou em campo uma estratégia ao invés de uma experiência de fé. Isto, porém, fez se tornarem as perguntas de antes as “minhas” perguntas: no fundo, eu quem sou, o que me mantém unido, o que vivo? Desde a última Escola de Comunidade estas perguntas me estão queimando por dentro, e me dou conta de como sou mesquinho no uso da razão, que acaba a serviço da comodidade ou então de como imagino a realidade, ao invés de vivê-la; e falo da experiência ao invés de fazê-la. Não posso fingir comigo mesmo, porque não é a vida genérica que está em jogo, mas a minha vida, o meu destino e a minha felicidade. Portanto, queria lhe pedir uma ajuda para entender, de novo, o que significa fazer uma verificação séria da fé, quais são os seus fatores fundamentais. Peço-lhe desculpas pela banalidade da pergunta, mas estou me dando conta de quão pouco estou habituado a usar a razão segundo a sua verdadeira natureza.*

Carrón: Está pronto para começar a fazer a verificação? Para você – a partir do que me disse, não do que não me disse –, no que pode descobrir que você, surpreendendo-se em ação, cresceu neste

primeiro ponto da Escola de Comunidade, isto é, na consciência de um fato que tem o poder de mudá-lo?

Colocação: *Um maior conhecimento de mim mesmo.*

Carrón: Um maior conhecimento de você. No que o vê?

Colocação: *Que, de algum modo, me parecia entender e seguir, porém, na realidade, não...*

Carrón: Isto é simplesmente reconhecer que não mudou. Mas, Dom Giussani fala da consciência de um fato que tem o poder de mudá-lo. Você mudou em algo?

Colocação: *Sim...*

Carrón: No quê?

Colocação: *Comecei a fazer um trabalho.*

Carrón: Você o vê? O ponto é que você não está consciente. Qual é a mudança que identificou com uma agudeza única?

Colocação: *Que as perguntas se tornaram as “minhas” perguntas.*

Carrón: Que as perguntas, agora, são suas. Isso lhe parece pouco?

Colocação: *Não, não.*

Carrón: As perguntas genéricas, no fundo, o deixavam como antes. Mas, na pertença a um lugar, algo se moveu dentro de você, como disse no início, por uma insistência minha sobre a verificação da fé; e, depois, um fato no trabalho teve a potência de fazer se tornarem suas...

Colocação: *... as perguntas.*

Carrón: Não ficou mais com raiva porque não estava à altura de fazer se tornar suas aquelas perguntas. Não pôde evitar que, desde então, queimassem dentro de você, isto é, que o mudassem. Portanto, é o início de algo que, sendo você imerso na comunidade cristã, o está mudando. Não chegamos ao fim do percurso, mas à “consciência de um fato que tem o poder de mudar a personalidade”. Para nós, estas são palavras, títulos sobre os quais, depois, raciocinamos abstratamente. E, pelo contrário, não: isto é o que você reconheceu. O primeiro fator da verificação da fé é o dar-se conta desse aumento da consciência em você, mas sobretudo do que está na origem desta mudança. E isso permite não apenas falar da experiência, mas de fazê-la. Não é apenas um esforço moralista seu, porque você já está fazendo esta experiência! O problema é que não se torna experiência completa até o momento e que você não se dá conta. Está acontecendo algo, mas não chega ao nível da consciência, e portanto fazemos perguntas sem nos darmos conta daquilo que já está acontecendo em nós. É preciso reconhecer que você já identificou um fator da verificação. O início da resposta você já a tem na experiência que está fazendo.

Colocação: *Obrigado.*

Carrón: “Os primeiros cristãos eram bem conscientes de que tudo de novo que acontecia neles e entre eles, de excepcional em relação à vida de antes, de alvoroçante em comparação à vida que tantos outros à sua volta levavam [ficam com raiva, param, se lamentam, se batem], não era um fruto da adesão, da sua inteligência ou da sua vontade [às quais nós reduzimos a verificação] [...], era um dom do Espírito” (pp. 143-144). Mas isto nos parece demais. Que aquilo que você testemunhou possa ser um dom do Espírito nem mesmo toca você como consciência, nem mesmo você o mencionou na sua intervenção. Por isso, não é capaz de gerar uma personalidade suficientemente consciente. Por quê? Porque a personalidade é consciência de si: se não se chega ao nível da autoconsciência, não se gera a personalidade.

Colocação: *Nessas semanas fiquei tocado com a potência descritiva dos capítulos de Escola de Comunidade no que diz respeito à minha vida e àquilo que acontece, no sentido que, relendo a parte sobre a consciência de si da comunidade cristã e dos primeiros cristãos, é inevitável, para mim, a comparação imediata com a minha vida. Em particular, fui mobilizado pelo capítulo sobre a “Força do alto”. Com efeito, na minha vida me dou conta de alguns momentos, chamando-os assim, de ênfase no relacionamento com os outros e com o real, que me interrogam porque me remetem a um quid misterioso. Dou dois exemplos e, depois, faço uma pergunta. No meu trabalho (sou diretor), encontro as pessoas muito frequentemente: estudantes, pais, professores, normalmente por causa de problemas, dificuldades, coisas que não funcionam. Recentemente, tive*

dois diálogos. No ano passado, eu havia encontrado um estudante do terceiro ano do ensino médio, repetente, cuja mãe é morta e o pai está na cadeia. Fracassado, este ano está dando o pior de si: é mandado com frequência à minha sala, fica nervoso com alguns professores, responde mal. Da última vez quis ser direto com ele, porque não queria mais voltar para a sua sala e nem mesmo pedir desculpas à professora por aquilo que havia feito. Disse-lhe que entendia a sua raiva com o mundo, disse-lhe que sabia a respeito de sua mãe, perguntei-lhe sobre o seu pai, do que faz com ele quando os serviços sociais o levam para encontrá-lo, se lhe quer bem. E, neste diálogo próximo, como numa ênfase, num “a mais” que descobri em mim, veio-me de dizer-lhe: “Você não é a sua raiva, não é um erro, não é um jovem que deu errado. E muito menos os erros de seu pai podem determinar o que você é”. Senti dois olhos voltados para mim. Encerrei o diálogo dizendo-lhe para voltar para a sala de aula e pedir desculpas. E, assim, ele fez. E nos dias que se seguiram – quando vinha para a escola – me sorriu e me cumprimentou, tirando da cabeça o gorro que sempre está usando. Segundo diálogo. Veio me encontrar a mãe de um aluno que escolheu a escola de ensino médio para o ano que vem. É uma senhora muçulmana, que usa véu. Disse-me que não sabia por que vinha conversar comigo, mas, em lágrimas, me contou como a diretora da escola na qual inscreveu o filho para o ano que vem, filho que tem problemas de saúde, não a quis escutar, nem mesmo por telefone; simplesmente comunicaram-lhe que a vaga na escola, para o seu filho, não estaria disponível. Uma vez mais me repetiu que não sabia por que havia se dirigido a mim para contar e – dizia ela – para se fazer escutar. Depois, falamos sobre o filho e, no fim, lhe disse que rezaria pela sua saúde. E, uma vez mais, vejo diante de mim dois olhos cheios de lágrimas e de gratidão. Em ambos os casos, no fim do diálogo, uma vez cumprimentado o interlocutor, percebi em mim uma superabundância das coisas que eu havia dito a estas pessoas, como o sincero reconhecimento da ação de um Outro. Logo depois, porém, enquanto trabalho, enquanto faço outras coisas, enquanto leio, enquanto estudo, aparece a dúvida racionalista: mas, será mesmo assim? Não, me digo, é o meu temperamento. Além do mais, eu que sou um tipo jovial, cordial, pouco inteligente, desde quando me tornei diretor estou experimentando a comoção pelo outro e a dor pela minha impotência no ajudá-lo como nunca antes na minha vida, faço a experiência de chorar com os outros. E, no entanto, continuo a explicar a mim mesmo: é pela educação à qual fui submetido, cujos “conceitos” estão sedimentados no meu coração e na minha razão, e assim os fiz se tornarem meus. Isto é, vejo em ação, em mim, a tentativa de explicar com fatores domináveis aquele excedente que também advirto e adverti. Portanto, Carrón, a minha pergunta é esta: como se faz para estar seguro de que age em você uma “Força do alto”? Aquela consciência certa dos primeiros cristãos ainda pode ser a nossa?

Carrón: O que você sugere?

Colocação: Posso dizer, na diferença dos dois olhares, das duas posturas, que efeito adverti sobre mim.

Carrón: Não precisa. Antes que chegasse o olhar... O olhar é uma confirmação; antes que chegasse o olhar, o que você disse?

Colocação: O que eu disse?

Carrón: “Um ‘a mais’ que descobri em mim”.

Colocação: Sim.

Carrón: Antes de tudo! A primeira coisa surgiu dentro de você. Está ali a fonte que tocou aquelas pessoas.

Colocação: Descobri-a em mim.

Carrón: Descobriu-a em você. Basta! É preciso olhar para isso. Este “a mais” é você quem se dá? Isso é crucial, porque nós tantas vezes passamos logo para o olhar do outro, o que está muito bom, mas não nos damos conta da origem do nosso movimento, que precede a confirmação na reação do outro. Mas, assim como não nos damos conta, tantas vezes dependemos da confirmação do outro. Mas, Giussani sempre nos disse que a fé é uma experiência presente “confirmada por ela”, porque você tem a confirmação, antes de qualquer confirmação externa, na sua experiência mesma, neste “a mais” do qual surge o olhar que, depois, comove o outro. É isso que consideramos óbvio, de que

não somos conscientes, e que, pelo contrário, determina a autoconsciência. Porque, de outra forma, somos frágeis, e se não encontramos a confirmação externa...

Colocação:... cedemos.

Carrón: Cedemos, com todas as consequências que sabemos: lamentação, insegurança, medo. Primeira questão: não deve nos escapar que o fato existe. Segunda questão: o fato é de tal forma presente que é a origem daquele olhar (que não se impõe mecanicamente). Então, o que encontra na Escola de Comunidade para responder à sua pergunta? Por que esses fatos, este “a mais” que você descobre em você não lhe tornam seguro? “O homem” agora “é colocado diante de Jesus Cristo, hoje, do mesmo modo que há 2000 anos”; nenhuma diferença, e, como então, “nenhum sinal jamais poderá impor à liberdade do homem que se coloque obrigatoriamente frente à proposta de Cristo de maneira escancarada como o rosto de uma criança, ao invés de se colocar de maneira cautelosa e desconfiada como o olhar de tantos adultos” (p. 152). Isto é: não lhe é poupada a liberdade. Mas, nós, tantas vezes, no fundo, quando fazemos estas perguntas estamos esperando fatos que tornem supérflua a nossa liberdade. Como no tempo de Jesus: “Dê-nos um sinal a mais, que nos poupe a liberdade”. Não existem, graças a Deus! Você já tem tudo o que lhe é útil. A questão é que a nossa liberdade pode ser aberta, escancarada como uma criança, ou então cautelosa e desconfiada como um adulto que deixa prevalecer, como diz bem, a dúvida racionalista. Mas, a dúvida racionalista precisa ser encarada. Esta dúvida pode eliminar aquilo que me aconteceu? A dúvida pode apagar aquele “a mais” que descobri em mim? A dúvida pode apagar o fato que você, agora, está diante de mim?

Colocação: Não.

Carrón: A dúvida não pode apagar isso. Depende, depois, do movimento da liberdade reconhecê-lo ou não. Esta é a nossa liberdade. Sem esta liberdade não cresce a sua autoconsciência, porque não há, como diz Giussani, nenhum mecanicismo no relacionamento com Cristo. E, no entanto, nós cultivamos a imagem de uma evidência que nos poupe a liberdade. Impossível! Todos os sinais lhe foram dados. E você deve decidir se os usa, se se aproveita mesmo dessa dúvida para se perguntar: é verdadeiro ou não é verdadeiro? Não deixe escapar a ocasião, não mantenha a dúvida com você sem resolvê-la! Este é o seu sim: seguir aquilo que acontece, não deixar a dúvida sem solução (o que só faz crescer a insegurança).

Colocação: Obrigado.

Colocação: *Há alguns dias, eu estava de carro indo para a caritativa, que fica a mais ou menos vinte minutos da universidade na qual estudo, e a certo ponto fui parado pela polícia para as verificações habituais. O policial que vem me pedir os documentos estava muito bravo, e fiquei muito irritado com o simples fato de eu demorar dois segundos para pegar minha carteira de identidade. Faltava-me um documento que eu devia ter, de forma que liguei para o meu pai, toda preocupada, para perguntar-lhe o que fazer. No meio tempo, o policial se afasta, então, desço do carro, vou em direção dele e tento lhe explicar a situação. E ele me diz: “Tudo bem, senhorita. Não me faça mais perder tempo, agora vamos preencher este formulário”. Então, começa a me fazer perguntas sobre onde moro etc. Mas, a certo ponto, depois de ter me perguntado a residência e o código fiscal, me diz: “Desculpe-me, devo fazer uma pergunta”. “Faça-a.” “Mas, a senhorita é religiosa?” Fiquei chocada com esta pergunta e lhe respondi: “Sim”. “Mas, religiosa do quê? Católica?” “Sim, sou católica.” Vira-se para o outro colega e lhe diz: “Não lhe disse. Esta moça – vê? – tem um rosto bonito, limpo, é muito verdadeira. Vê-se que é religiosa”. E eu, chocada com isso, continuo a responder às perguntas sobre a placa do carro etc. A certo ponto, viro-me para minha colega de universidade que estava comigo no carro e lhe digo: “Diga aos outros do turno de caritativa que não chegaremos a tempo”. No que o policial para e me diz: “Senhorita, aonde estão indo?” “Somos amigos que nos conhecemos na universidade, e estamos indo fazer uma espécie de voluntariado, que se chama caritativa. Compartilhamos o estudo com as crianças da escola e do ensino médio”. Verdadeiramente espantado comenta: “Que loucura que ainda no mundo de hoje existam coisas assim, que jovens façam essas coisas”. O outro policial me olha e acrescenta: “Seja como for, não deve parar de fazer essas atividades, porque é evidente que um rosto assim só pode*

lhe ser dado por coisas assim bonitas”. Naquele ponto me pediu desculpas por estar me atrasando. No início, ele tinha ficado com raiva porque eu estava fazendo com que ele perdesse tempo, agora ele me pedia desculpas porque me estava fazendo perder tempo para ir à caritativa! Nisso, me devolve todos os papéis. Volto para o carro, tento começar a contar para a outra jovem aquilo que me havia acontecido, a mudança desses dois policiais, retornamos para a estrada, quando vemos o carro da polícia, aquele mesmo que nos havia parado há alguns minutos, que se aproxima de nós. Eu, espertamente, digo: “Coitados daqueles de trás, agora vai pará-los”. Mas, ao contrário, me para de novo. Àquele ponto, encosto e digo: “O que terei feito?”. O policial me alcança todo sem fôlego, com os carros que passam ao lado em alta velocidade – eu estava preocupada –, e me diz: “Senhorita, me devolva o formulário um instante. Tenho que acrescentar dados”. E eu: “Obrigada!”. “Boa sorte, boa sorte em tudo. Foi um prazer.” Volto para o carro. A caloura que estava ao meu lado chocada: “Em sete minutos!”. Continuava a repetir: “Sete minutos!”. Isto é: em sete minutos aquele policial havia se tornado outra pessoa. Este fato, para mim, foi fundamental para crescer na autoconsciência da qual se falava agora, no sentido de que verdadeiramente, diante do maravilhamento daquele policial e da sua mudança...

Carrón: É uma confirmação de que havia se dado conta verdadeiramente da mudança!

Colocação: *Nisso, de fato, me vi olhando para mim mesma como se estivesse usando roupas estranhas: o que estou usando? O que carrego comigo para que um desconhecido, em sete minutos, chegue não apenas a notar uma diversidade (mesmo se comparado àquilo que diziam as intervenções anteriores), mas até mesmo chegue a identificar a origem no ser católica? Entendeu logo, não é bobo. Como você nos diz frequentemente: os outros entendem logo que a origem não é uma competência minha, um temperamento meu, mas o fato de que eu seja “religiosa”. E quanto à pergunta que frequentemente nos faz sobre o que é o testemunho, para mim foi evidente que não é um esforço, mas é deixar espaço para aquele ponto inflamado que há na minha vida, que me muda e que me mudou profundamente, tanto é verdade que um outro que me encontra o percebe como correspondente e muda, por sua vez.*

Carrón: O que carregamos conosco que, em sete minutos, pode mudar outro, até o ponto de despertar nele uma pergunta sobre a origem? Tantas vezes, como nos dissemos nesses últimos tempos, são os outros que nos dizem a diversidade daquilo que carregamos, que nos permitem fazer a verificação daquilo que diz a Escola de Comunidade, nos documentam isso. É como se dissessem: vocês se dão conta de que não são assim por causa de vocês, mas por causa daquilo que carregam? “Mas, a senhora é religiosa?”: a intuição do policial é porque aquilo que viu não é explicável racionalisticamente. É impressionante! Mesmo uma pessoa com raiva pode nos testemunhar um olhar de uma abertura, com a simplicidade de uma criança, que nós podemos não ter. É isso que testemunha ainda mais aquilo que lemos, seguindo em frente, na Escola de Comunidade a propósito da luta: “Nós não conseguimos sequer imaginar a radicalidade do combate, da luta, do totalmente diferente que Cristo [não nós, atenção!] teve que realizar no contexto da mentalidade, da sensibilidade, do andamento já estabelecido da vida, dando início à Sua presença no mundo. A história de Cristo entre nós teve que se impor com uma excepcionalidade de êxito, com uma extraordinária capacidade que no Evangelho se chama ‘milagre’” (p. 151). Pode-se explicar isso com fatores domináveis de forma racional?

Colocação: *Sou médica e relato o que me aconteceu no trabalho, pouco tempo faz. Foi transferido para nós uma criança muito prematura, em gravíssimas condições, cujos pais, desde o primeiro momento em que entraram em contato com o departamento declararam ser contrários à obstinação terapêutica; queriam, absolutamente, levar para casa uma criança completamente saudável e não queriam dar, sobretudo ao primeiro filho, um irmão menor com problemas graves. Esta criança saiu da fase aguda sem necessidade de medidas extraordinárias, mas a cada dia a pergunta insistente da mãe era se a criança seria normal, se tínhamos elementos para pensar o contrário. Até que um dia, num controle que fazia, emergiu que, efetivamente, estava desenvolvendo um dano cerebral, ainda numa evolução ainda não bem quantificável. A conversa com os pais foi muito dura, e quanto mais eu olhava para a mãe, tanto mais ficava evidente em mim um movimento de*

desconcerto, intolerância e escândalo. Não conseguia entender como uma mãe com um filho tão pequeno assim entre os braços pudesse ser assim cínica e insensível, como se tudo dependesse do estado de saúde seu e de seu filho. O meu escândalo estava criando um muro entre mim e ela – como se eu fosse melhor do que ela, escrava como sou dos meus projetos sobre meu marido, os meus filhos... Nos dias que se seguiram, eu tentava evitar passar por ela, entrar naquele quarto, por causa da raiva que eu sentia, talvez também por causa do medo de enfrentar aquele sofrimento, e carregava dentro de mim uma grande angústia a cada vez que falava dessa situação com meus colegas. Depois, houve a Escola de Comunidade, quando você nos disse: “‘Sei muito bem que fomos escolhidos por Deus’, mas isso prevalece no nosso modo de nos colocar? Como veem, não basta ter o texto da Escola de Comunidade, onde se diz toda a verdade sobre a Igreja através da sã doutrina de Dom Giussani, para que esta autoconsciência prevaleça”. Naquele momento, entendi que o problema era exatamente a minha autoconsciência: sei que fui escolhida por Deus, estou em CL, na companhia da Igreja, e no entanto não sou capaz de olhar para aquela mulher, não sou capaz de falar a sua língua. Essa pergunta que estava nascendo em mim me levou a aprofundar a Escola de Comunidade: Giussani, a um certo ponto, diz que o dom do Espírito é pedido, é mendigado. Ali, explodiu todo o meu coração, todo o meu pedido de que Ele se fizesse ver naquele rosto, que aquela circunstância adquirisse para mim um significado. Assim, no dia seguinte, consegui entrar naquele quarto, e à simples pergunta “Senhora, como está, hoje?”, desencadeou-se um diálogo longuíssimo, no qual muitas vezes fiquei comovida, no qual emergiu não o seu cinismo, mas todo o seu extraordinário desejo de ser mãe e também o grande terror de que a sua vida e aquela do seu primeiro filho pudesse ser arruinada pela doença dessa pequena criança. Pela primeira vez, comecei a identificar-me com ela e lhe falei de como eu, quanto mais vejo meus filhos crescerem, mais me dou conta de que não são como eu os imaginei – pelo contrário – e mais sou incapaz de querer-lhes o bem. Respondeu-me que o seu problema não era que seu filho fosse médico ou gari, mas que pudesse ser livre para escolher o que ser e não condicionado pela doença. Respondi-lhe que a felicidade para um filho é, em primeiro lugar, sentir-se amado e ver nos pais a certeza de que a vida vale sempre a pena ser vivida. E, nesse ponto, chegamos ao fundo, porque me respondeu que o problema é exatamente que esta certeza não tem e, por isso, fica aterrorizada com o futuro. A única coisa que eu consegui dizer-lhe é que, sozinhos, é impossível para todos alcançá-la, e que é preciso ser sustentados neste caminho. Então, lhe propus encontrar famílias e pais que haviam enfrentado e estavam enfrentando a vida com uma criança assim especial, para se dar conta de que é possível ser felizes. E, enquanto lhe falava, eu tinha nos olhos os rostos dos meus amigos que estão fazendo esta experiência. Aquela mãe ficou entusiasmada com essa proposta. Assim, lhe disse que, pelo que me fosse possível, também eu estaria perto dela ao longo do caminho. Eu não sei como se desenrolará esta história, se chegará a aceitar seu filho, se o pequeno será saudável ou não. Mas, aquilo que me comoveu foi sair dali com o coração cheio de bem por ela e por ele, cheia de letícia, sem mais a angústia de ter que cortar aquele pedaço de realidade que não conseguia enfrentar, consciente de que viver o trabalho assim dá um gosto cem mil vezes maior. Mas, sobretudo, aquela mãe e sua criança (que permanecerá no departamento ainda por um bom tempo) são um aguilhão constante para me perguntar se e para que a vida vale a pena ser vivida, para pedir a ajuda do Espírito Santo para não cair no cinismo, para não me esconder e evitar aquilo que me faz sofrer, porque a minha vida é cheia de projetos que não se realizam e o meu trabalho me coloca constantemente diante da pergunta sobre o sentido da vida. E eu, nisso, preciso exatamente ser educada e sustentada. Por isso, obrigada.

Colocação: Ajude-nos a colher, no seu testemunho, os sinais dessa mudança através da pertença à Igreja. Porque temos que agarrá-los, de outra forma permaneceremos genéricos.

Colocação: Fiz a experiência de uma possibilidade de viver a minha realidade...

Carrón: Só como possibilidade?

Colocação: Pude saboreá-la. Eu estava contente.

Carrón: Você não vai conseguir assim. Diga-me no que percebeu este contentamento. De outra forma, a Escola de Comunidade se torna abstrata. O primeiro sinal, o início do milagre é que a pessoa pede e invoca este dom ao Espírito. A primeira coisa que fez foi essa. Parece nada, mas pelo

contrário abre a possibilidade de que Cristo presente a escancare dentro de uma realidade na qual, inicialmente, você se sentia bloqueada e que, seguindo a sua reação espontânea, teria querido censurar. A surpresa é que, a certo ponto, participando de um lugar como a Igreja, a mudança é experimentável. Primeiro sinal: o pedido. Segundo?

Colocação: *O movimento da minha liberdade.*

Carrón: De fato, você foi mudada de tal forma que entrou no quarto não como êxito de um esforço (“Senhora, como está, hoje?”). Terceiro: a identificação com o outro, com aquela mãe. A possibilidade que nós temos de dar uma contribuição ao mundo, tocar os feridos do mundo, como somos também nós, depende da verificação daquilo que vivemos. Porque, se não fizermos o caminho da verificação, não poderemos interceptar a necessidade daquela mulher até descobrir que o problema era uma coisa humaníssima: não estava certa e, portanto, estava toda temerosa. Por isso, tudo lhe escandalizava. Sem isso, esse acontecimento presente, que nos faz de novo escancarar o olhar, nós identificamos tudo de modo errado, até mesmo – atenção! – o escândalo, porque atribuímos ao outro algo que, na realidade, está ligado apenas à nossa incapacidade de ver todos os fatores, que, ao invés, a potência do Espírito torna possível. É de nos deixar sem palavras! Por isso, o percurso que somos convidados a fazer é tão crucial, em primeiro lugar para você (porque, de outra forma, você viverá uma divisão: de um lado, participa da vida do Movimento e, de outro, fica presa no trabalho) e, depois, para os outros. A verificação da fé tem este alcance cultural, histórico, tem esta incidência sobre a modalidade com a qual vivemos o real.

Colocação: *Parto da sua intervenção “Uma presença original”, que foi publicada em Passos. É claro que o conteúdo é impressionante. A profundidade, a clareza do juízo deixaram de boca aberta tantos de nós. Mas, o que mais me toca é o percurso que você fez, a modalidade com a qual você se colocou diante da circunstância que o Movimento está vivendo agora. Para mim, aquilo que estava acontecendo era um caos, para você, uma ocasião. Como nos repetiu, “tudo aquilo de que o Mistério não nos poupa é para a nossa maturidade” (J. Carrón, Uma presença original. Passos abril/2016, p. 26). Eu repito esta frase, você a vive. Assim, você começou um caminho que nenhum de nós – pelo menos eu – tinha empreendido, um trabalho, um percurso impressionante. Você entrou na coisa mesmo quando, já passada a polêmica política sobre as uniões civis, poderia, no fundo, deixar para lá. Pelo contrário, você quis olhá-la, enfrentá-la como ninguém havia feito, perguntando-se o que solicitava a você e a nós. Foi ver o que Giussani dizia numa situação semelhante, quis verificar a pertinência disso na circunstância que estamos vivendo, até chegar a um juízo. Foi ver o que nos ensina a história da Igreja, fez a comparação com o Evangelho e assim por diante. Quem de nós fez isso? A mim parece que esteja aqui a diferença. Isso se chama verificação da fé. E eu acredito que isso seja importantíssimo para o crescimento pessoal de cada um de nós, porque sempre existirão, para nós, circunstâncias que, num certo sentido, nos contestam, no trabalho, nos relacionamentos afetivos, na vida, e se não entendemos a novidade que a fé introduz como modalidade para ter na frente, estaremos perdidos. E aquilo que aconteceu é tanto mais educativo para quem crê estar “do seu lado”; você, frequentemente, diz que os mais perigosos são os chamados “carronianos”, porque podemos nos contentar com o fato que este trabalho você o fez, sem que nós o empreendamos. Mas, o que nós temos de diferente de você? Você o faz porque é o chefe? Não. Você o faz, me parece, pela fé, porque sente a circunstância como uma ocasião para você. Se não chegamos a nos identificar com você, será verdadeiramente um delito – pelo menos eu o descubro em mim –, porque não cresceremos como personalidade de fé, não nos tornaremos adultos na fé e nos contentaremos com o fato de que você faz este trabalho. Ainda quanto a esse texto: você colocou um ponto e nós podemos agitar isso como bandeira diante dos outros. Mas, que trabalho eu fiz? Onde estamos nós? Como estou crescendo na fé? Se nos limitássemos a fazer assim, perderemos toda a contribuição que Giussani, antes, e agora você, nos estão dando. Desde quando fiz essa descoberta, peço todos os dias ao Espírito que me dê a capacidade dessa identificação até este ponto. É isso que mais desejo neste momento. E sou grata que exatamente agora fazemos a Escola de Comunidade sobre a “Força do alto”, porque nessa sua posição e na contribuição que emergiu isso é justamente evidente para mim. É impossível, para*

mim, ler o seu texto e não pensar nas palavras da Escola de Comunidade: “Profeta é aquele que anuncia o sentido do mundo e o valor da vida. A força da profecia é a força de um conhecimento do real que não é do homem, mas que vem do alto” (p. 149). Espero que Deus me conceda esta graça, pelo menos nesta Quaresma.

Carrón: Obrigado, porque me parece que você descreveu bem o que está em jogo para todos nós nesta verificação. Eu faço esta verificação para mim. Faço porque já não posso mais não fazê-la. Poderia ter deixado para lá – como você disse –, teria sido mais fácil dar a ordem: “Todos a Roma!”. Pelo contrário, quis desafiar cada um a fazer a própria verificação. Sabia em direção a que eu estava indo. Mas, para mim, não interessa agradar aos outros ou a mim mesmo, interessa-me fazer a verificação pessoalmente. Eu arrisquei para verificar se essa intervenção responde aos desafios que temos diante de nós, é uma tentativa, sem nenhuma pretensão de que fosse a coisa justa. Por isso, convidei cada um a fazer a verificação. O texto de *Passos* é o resultado disso. E não para lhes dar a doutrina a ser repetida, mas para convidar cada um a verificá-lo por si. De outra forma, não podemos estar no mundo com um rosto, com razões, com uma certeza, como escutamos esta noite. O sinal de que Cristo está presente agora, e não é apenas uma recordação do passado, é exatamente porque eu posso verificar, no presente, a conveniência da fé, a pertinência da fé para as exigências da minha vida que devo enfrentar. Se eu não o percebo assim, me contentarei em repetir o “já sabido”, mas no fundo sendo vencido. Pelo contrário, aqui, todos temos a possibilidade de uma verificação. Por isso, termino com uma referência a um artigo de *Passos* que trata do nosso amigo médico Francesco Boin, que trabalha em São Francisco, EUA. O mundo no qual vive será sempre mais o nosso, com desafios muito pesados para enfrentar (deve sempre estar atento àquilo que diz, porque qualquer interferência na consciência do outro pode lhe causar um conflito de trabalho). E, no entanto, Francesco diz que “este compartilhamento muda tudo, mesmo os aspectos médicos da sua condição. E a minha primeira contribuição é que eu responda, por mim, à ferida que a realidade me dá”, somente se a pessoa faz a verificação por si, pode viver dignamente num mundo como o nosso. “A verdadeira batalha cultural, aqui, é reconstruir a partir de uma plenitude de vida vivida [ali, como aqui, como veem]. Então, a minha tarefa é ceder à atratividade que a realidade gera nos meus dias, à descoberta de como Jesus responde à minha necessidade. [...] A possibilidade de testemunho é que vejam em ato, em mim, aquilo que eles estão buscando”. É a certeza da qual falamos esta noite. O colega lhe diz: “Devo, justamente, pedir-lhe uma coisa. Deve me fazer entender. Não tem a mulher, não tem o homem, mas você, na vida, tem um ponto de estabilidade, se vê”. E lhe pergunta: “O que há por trás?”. Não pode não suscitar a pergunta sobre a origem e não pode não ser a ocasião de dizer a razão, porque a coisa mais complicada e mais difícil é fazer surgir a pergunta. “Quem é este?”. Agora, dois mil anos depois: “O que há por trás?”, “Você é religiosa?”. Francesco responde: “Eu sou católico e, para mim, a experiência da fé foi o encontro com uma Presença tão viva e tão atraente que Lhe dei a vida. O meu ponto de estabilidade [não é casado, não tem adereços afetivos] é este relacionamento”: o relacionamento que vive com Cristo. Então, o outro lhe diz: “Obrigado. Entendo que é algo assim que me falta” (cf. *Passos* abril/2016). É este o nosso ser no mundo. A questão é se o capítulo da Escola de Comunidade nos tornou ainda mais conscientes disso. E qual é o sinal? Se quando acordo prevalece a Sua presença; não o fato de não me sentir à altura, porque é óbvio que não sou. Surpreendemo-nos ainda com Ele em ação no meio de nós, não como um fato do passado, não como uma recordação devota, mas como algo de tão presente que nos preenche, que toda a vida é preenchida pela Sua presença? Se não é assim, todos os fatos que nos contamos não são capazes de gerar uma maior consciência em nós. Então, teria razão quem suspeita que não seja possível, para nós, ter a consciência dos primeiros cristãos. Não é que não tenhamos diante de nós fatos, mas falta esta consciência daquilo que todos estes fatos documentam. Por isso, às vezes, o Mistério nos deve doar outras pessoas que nos façam a pergunta sobre a origem de nós, para que nós possamos chegar a esta consciência.

Avisos:

A próxima Escola de Comunidade (com Carrón) vai ocorrer no dia 25 de maio. Saltaremos o mês de abril porque [na Itália] acontecem os *Exercícios espirituais da Fraternidade*. Retomaremos a

última parte do II capítulo “Os três fatores constitutivos” em abril; e depois sobre a Introdução dos *Exercícios* assim que estiver disponível, com esta pergunta: em que muda a nossa concepção de Igreja, ou seja, a maneira com a qual vivemos, o movimento? Ler o último ponto deste capítulo, “Um novo tipo de vida”, o que muda na nossa concepção de comunhão, da relação entre a ontologia e ética, da relação entre e autoridade? Todos os fatores que aparecem nos pedem uma mudança de consciência. Como vemos, a Escola de Comunidade se torna frutífera se a cada dia fizermos o trabalho de comparação com algumas das frases que lemos, para nos darmos conta de como julga o nosso dia, para nos tornar conscientes. Como a nossa amiga contou, bastou uma frase para introduzir um olhar diverso sobre como estava vivendo o trabalho. Basta isso. Se a Escola de Comunidade não é algo que nos acompanha como hipótese com a qual entramos no real, se reduz a comentários nossos; mas então para que serve? Assim nunca vai se tornar interessante. Torna-se interessante quando alguém vê que lhe oferece sugestões de uma maneira de estar diante do real que o muda. Por isso é uma companhia à vida. É esta comparação constante que alarga o nosso horizonte e faz com que se torne mentalidade aquilo que Dom Giussani nos propõe, confirmado depois na experiência dos fatos que acontecem.

A Página Um de *Tracce* de março (documento da *Passos* de abril) traz a minha colocação na Assembleia de Responsáveis da Itália. É um desenvolvimento de aspectos que estão contidos no livro *La bellezza disarmata* e uma contribuição para nos ajudar a julgar os desafios atuais. Como eu disse, é uma tentativa que ofereço como um sinal daquele trabalho do qual estava falando a nossa amiga, um sinal de amizade se alguma coisa lhes servir, de outro modo joguem no lixo. Convido vocês a lerem e torná-lo conhecido a todos os nossos amigos, para nos ajudar a realizar essa comparação.